

IGUALDADE

AO tomarmos este reduto para defendermos os direitos das Vítimas da Guerra, uma preocupação se apoderou de nós: batalhar por conseguirmos igualdade de tratamento para tódas sem distincção.

Esse compromisso moral, a que hoje estamos obrigados para com os nossos camaradas, havemos de o cumprir tam fielmente quanto as circunstâncias no-lo permitam.

Há dezenove meses que foi publicado o Código de Inválidos, sem que, contudo, apesar de passado tam grande espaço de tempo, Justiça tenha sido feita à grande maioria dos interessados e muito especialmente às praças de préf.

Os seus clamores caem-nos sôbre a secretária de trabalho, trespassando-nos o coração como setas afiadas. São brados de almas que se extorcem numa angústia horrível de desespero porque vêem fugir-lhes a vida e aproximar-se ainda mais a miséria que lhes estiolará a mulher e os filhos queridos.

E os mais atingidos por esta crueza de ânimo—que é a não applicação integral das disposições do referido Código—são os sargentos inválidos da Grande Guerra.

Se o Código teve em vista dar a estes Homens um maior número de regalias, do que aos seus camaradas de igual patente das anteriores campanhas em África, porque se lhe não dá ao menos, por agora, igual testemunho de gratidão?

A promoção ao officialato dos sargentos inválidos da G. G. é uma medida já decretada e aprovada pelo Governo, afigurando-se-nos que, com muita Justiça, elles já de há muito deviam ter recebido um tal galardão.

Os cabos e soldados tem também jús a uma generosa recompensa.

Que os soldados não sabem lêr?!—diz-se—; Mas que tem o saber lêr com o reconhecimento por um serviço prestado? ; Não defenderam elles a sua Pátria com a mesma galhardia, o mesmo aprumo, o mesmo valor e heroicidade, com que a defenderam os letrados?

; Não deram elles exemplos de bravura e lealdade que lhes trouxeram condecorações e citações honrosas, não só para elles como para o Exército do seu país?

; Haverá alguma analogia entre o pão e as letras? ; Porventura os iletrados não têm direito a satisfazer as suas necessidades gastronómicas e outras mais, pelo facto lamentável, para elles e para nós, de não conhecerem as letras do seu nome? Mas, se se vir que é desonra galardoar com promoções aquêles que briosamente souberam nas horas trágicas da Guerra fazer vibrar com todo o seu esplendor a imortal alma Lusitana, levantando bem alto a Bandeira invencível das Quinas, no inferno mil vezes dantesco da Luta; se é vergonha dar galões aquêles que souberam honrar sôbremaneira a sua Pátria, e a quem não foi perguntado se sabiam lêr para se deixarem matar; ao menos que se lhe dê o pão, o pão tam amarguradamente ganho, suficiente para os manter sem necessidade de pedir socorro aos visinhos.

Qualquer Governo que tenha a generosidade de arrancar os inválidos da Guerra à miséria em que actualmente vivem, honrar-se-há adquirindo o direito de exigir dos seus concidadãos o sacrificio máximo quando a Pátria dêle necessite.

Daqui apelamos para o coração de S. Ex.^a o sr. Ministro da Guerra, esperançados em que Justiça, em breve, há-de ser feita a tódas as Vítimas da Guerra, por quem ela será distribuída equitativamente.

São algumas centenas os desgraçados que aguardam,—deitando pela bôca fóra o sangue às golfadas, e vendo mirrar, dia a dia hora a hora, o seu antigo e forte arcaboço de lutadores liais e patriotas,—o instante suprémo da Justiça.

Todos elles, todos nós, combatentes das trincheiras, caminhamos a passos gigantescos para a COVA e, porque assim é, o Governo com certeza não vai aguardar êsse PONTO FINAL, para, então, nos homenagear com distincções POST-MORTEM.

Isso seria uma irrisão cruel que viria desmentir aquela sagrada divisa que, no fragor das batalhas, nos trás o alento, incendeia a alma, fortalece o espírito de combatente e embeleza a nossa querida Bandeira:

HONRAI A PÁTRIA, QUE A PÁTRIA VOS CONTEMPLA!